

NARRATIVAS DE MULHERES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: questões de identidade e gênero

IRIS ELOISA DE OLIVEIRA SILVA
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

ISAURA FRANCISCO DE OLIVEIRA
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

Resumo

O presente artigo é o resultado de um estudo que buscou analisar, a partir das especificidades da condição feminina, as questões de identidade e gênero presentes nas histórias de vida de mulheres da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A análise dos dados aqui apresentados fundamenta-se predominantemente nos pressupostos da abordagem qualitativa, que auxiliou no entendimento em amplitude do contexto do problema. Tendo em vista que esta é uma pesquisa de campo, valeu-se da observação, do diário de campo, da análise documental e da entrevista narrativa visando entender como as relações de gênero se dão em seu cotidiano e como estas as impactam no processo de escolarização das alunas. Para apurar os dados coletados, recorreu-se à técnica da análise de conteúdo por ela se tratar de uma verificação múltipla de significados sobre um mesmo fenômeno. Os resultados apontam que hoje os problemas mascararam-se de formas bastante sutis, tornando-se mais difíceis de serem problematizados e devido a isso as mulheres defrontam-se com batalhas que nem elas mesmas sabem que precisam ser lutadas, tendo como maior adversária a naturalização de sua situação, pois ela conduz a um estado de acômodo frente à negação de muitos de seus direitos, e isso impede a mudança de acontecer.

3216

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Mulheres. Gênero.

Abstract

This article is the result of a study that sought to analyze, based on the specificities of the female condition, the issues of identity and gender present in the life stories of women in Youth and Adult Education (EJA). The analysis of the data presented here is predominantly based on the assumptions of the qualitative approach, which helped to understand the context of the problem in full. Considering that this is a field research, observation, field diary, document analysis and narrative interviews were used to understand how gender relations occur in their daily lives and how these impact them in the schooling process. of the students. To investigate the collected data, we used the technique of content analysis because it is a multiple verification of meanings about the same phenomenon. The results indicate that today the problems are masked in very subtle ways, making them more difficult to problematize and because of this, women are faced with battles that not even they themselves know need to be fought, with naturalization as their biggest adversary. of their situation, as it leads to a state of complacency in the face of the denial of many of their rights, and this prevents change from happening.

Keywords: Youth and Adult Education. Women. Gender.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade educativa que permite o contato com múltiplas realidades e representa uma oportunidade para promover a inclusão social e educacional de pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade, considerada pela legislação atual, adequada.

Historicamente, as mulheres foram excluídas do sistema educacional e tiveram seus direitos à educação negados por diversos motivos, dentre eles: normas culturais, discriminação de gênero e papéis tradicionais atribuídos às mulheres na sociedade. Contudo, a educação, como determinado nas legislações, é um direito fundamental de todas as pessoas, independentemente de seu gênero, e a EJA se apresenta como uma oportunidade de inclusão e empoderamento das mulheres.

Neste estudo, nos propomos a ouvir as narrativas de algumas mulheres acerca de suas histórias de vida, para conhecer e analisarmos as questões de identidade e gênero presentes em suas realidades, e dessa forma compreender se, e/ou como, isso influenciou ou influencia suas vidas.

É a partir do conhecimento das histórias de vida de algumas dessas mulheres-alunas da EJA, e de como as relações de gênero se dão em seu cotidiano, como estas as impactam e como a escolarização tem implicações na construção de suas identidades, em que este trabalho colabora para o desenvolvimento das Políticas Públicas no campo da Educação de Jovens e Adultos, visando às especificidades da condição feminina.

Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) salientam que a EJA se caracteriza por um campo de práticas e reflexões que transbordam os limites de escolarização, pois, abarca diversos processos formativos, que possam visar a formação política, qualificação profissional, desenvolvimento comunitário e uma vasta de questões culturais pautadas na sociedade.

Para o alcance dos objetivos dessa pesquisa, o processo metodológico utilizado foi de caráter qualitativo, que para Minayo (2001) se caracteriza pelo caminho do pensamento e prática na realidade pesquisada, uma vez que a pesquisa qualitativa nos possibilita responder a questões muito particulares.

A entrevista narrativa vem como abordagem qualitativa pois é “através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social (Jovchelovitch; Bauer, 2002. p. 91).

O processo de escolarização da mulher na Educação de Jovens e Adultos

Ao longo da história o papel da mulher foi moldado com base em estereótipos e preconceitos, onde, até mesmo na área da educação, deveria ser ensinado às mesmas como cuidar de uma casa, do marido, dos filhos, etc., excluindo-as do que hoje é um direito constitucional: a educação. Segundo De Souza (2015), o processo de escolarização da mulher contou com uma grande participação dos movimentos feministas.

Desde a colonização no Brasil, a organização patriarcal da sociedade colocou a mulher no papel de esposa e mãe dos filhos legítimos do senhor, além de ser parte da propriedade do mesmo. [...] Em relação à educação, tal subordinação não poderia se manifestar de maneira diferente: toda instrução oferecida às meninas e moças era voltada para os serviços domésticos e para o bom comportamento perante a sociedade (De Souza, 2015, p. 28).

De Souza (2015) ainda reforça que foi somente no século XX, com a proclamação da república, que começaram a emergir algumas mudanças, mesmo que quase imperceptíveis. A autora usa como exemplo a promulgação da Lei de Instrução Pública, que regimentava o ensino de primeiras letras, em 1827, e que possibilitou um acesso um pouco mais amplo a educação, mesmo que com caráter segregacionista.

3218

Com as contribuições da autora, nota-se a Lei de 1827 que previa que seriam ensinados para todos, independente do gênero, a leitura, a escrita, a gramática da língua portuguesa, as contas (operações básicas) e a doutrina cristã católica. Portanto, isso não acontecia em sua totalidade, às meninas era ensinado corte, costura, bordados, etc., aprendizados voltados para a economia doméstica. hooks (2013) ainda salienta a importância desses estudos e movimentos para termos o que já conquistamos e bases para continuar. Consequente, é imprescindível compreender um pouco da história desse processo configurado com conquistas.

Como relatado, nesse período, até mesmo no âmbito educacional, a mulher era tida como submissa, considerando que se pregava que deveriam estar preparadas para o trabalho e cuidados com o lar. Quando tinham acesso a uma escola, era para aprenderem o que não se distanciava com o poder hierárquico. Evidentemente, a inclusão das mulheres no sistema de educação formal resultou em importantes modificações na sociedade.

A possibilidade de escolarização, além de ser uma conquista em si, deu mais poder e visibilidade a muitas mulheres para os seus apelos fossem ouvidos e novas demandas surgissem, apesar de haver ainda muita resistência de determinados grupos sociais. Especificamente no

que diz respeito às estruturas familiares, retirou a mulher do papel limitado de ser apenas mãe, filha, avó e esposa e a possibilitou ir além, a ter acesso a conhecimentos antes reservados apenas aos homens (De Souza, 2013).

Tudo que foi conquistado até aqui, foi graças às lutas e resistências, com grande apoio dos movimentos feministas, em busca de melhorias e reconhecimento para as mulheres em todos os âmbitos da sociedade: educação, trabalho, etc. Para Costa (2017) a masculinidade e feminilidade não correspondem somente aos corpos possuídos pela anatomia. No âmbito da educação, essas discussões ainda podem ser tratadas como tabus, mas as mulheres na EJA precisam ganhar visibilidade, pois, em sua maioria, o ingresso na modalidade de ensino EJA vai além de caprichos.

Pensar o gênero no âmbito da educação, no nosso caso, mais especificamente na EJA, é de suma importância para a compreensão da identidade dos sujeitos que compõem a escola, a fim de evidenciar caminhos de superação das opressões aos quais são submetidos cotidianamente em diferentes contextos sociais (Costa, 2017, p. 4).

Destarte, Costa (2017) salienta que todas as escolas devem refletir sobre ter uma postura para se pensar em questões de gênero dentro das salas de aula, não somente na EJA, mas em toda educação regular, por se tratar de questões de identidade. Nesta modalidade a necessidade aumenta, uma vez que não são mais crianças, são jovens e adultos na busca por se encontrarem, que carregam uma bagagem de estereótipos que dificulta ainda mais essa autoidentificação.

Ainda com relação a esse ponto, Costa (2017) entende que a escola precisa pensar as questões de gênero, porque os saberes e experiências que os estudantes levam e compartilham em sala são atravessados por representações e pressupostos acerca da realidade de cada um, que precisa ser respeitada. Nessa mesma linha de pensamento, Narvaz, Sant'Anna e Tesseler (2013) destacam que:

No campo da EJA, fatores ligados ao gênero têm interferido na participação feminina na escola. Sabe-se que a necessidade de arcar com as responsabilidades familiares advindas do casamento e a maternidade é um dos principais motivos de evasão das mulheres adultas da escola, sobretudo se forem pobres, negras e habitantes das áreas rurais (Narvaz, Sant'Anna; Tesseler, 2013, p. 100).

Costa (2017) acentua que cada um (a) possui sua identidade. Neste contexto, deve-se priorizar práticas curriculares que incentivam lutar por um sonho, por aceitação e respeito. No entanto, não pode limitar-se apenas em adquirir conhecimentos explicitados nos currículos, sendo crucial aprender a reconhecer as diferenças. Louro (2000) pontua que existem muitos obstáculos, tanto para professores, quanto para a escola, que implicam numa abordagem mais cuidadosa e ética de gênero e sexualidade.

Desse modo, pensar num corpo docente educado é fundamental para discutir questões de gênero e sexualidade em escolas, por conter informações importantes a respeito da identidade de gênero e das descobertas no âmbito da sexualidade (Louro, 2000).

Tendo em vista as particularidades, a Educação de Jovens e Adultos se constitui com um público diverso e com amplos saberes trazidos pela bagagem social e cultural. Cenário este constituído por várias pessoas de diferentes gêneros, gerações, e orientações sexuais, pessoas privadas de liberdade, dentre outros aspectos (Arroyo, 2017).

Um ponto a se destacar, em relação aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, é a questão das mulheres. Aquelas que retornam à escola na busca de transformações em suas vidas que, dentro de sala de aula, podem compartilhar vivências, angústias, memórias experiências de vida etc., visando sempre contribuir com o percurso de cada sujeito (Paiva, 1983).

Quando falamos em mulheres da EJA, estamos falando também de mulheres mães, trabalhadoras, donas de casa, que cuidam dos filhos, etc. e que em meio a tantos afazeres, têm perspectivas de vida atreladas a educação.

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o [...]. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros (Louro, 2014, p.29).

3220

Pensar gênero no âmbito da educação, em especial na EJA, é importante para que os alunos tenham compreensão e reafirmação de suas identidades, a fim de evidenciar caminhos de superação de inúmeros problemas, com vista às opressões as quais são submetidos cotidianamente em todo o contexto social.

Portanto, quando isso é abordado dentro de uma escola, é de suma importância, pois há uma troca de experiências entre os profissionais da educação e os educandos e, nessa troca realizada, onde são trocadas também informações e força para superação de alguns problemas, principalmente no que diz respeito a identidade de gênero, a saber como que cada um se identifica, ou seja, se vê e quer ser visto.

As mulheres, nas salas de aulas brasileiras e nos outros espaços sociais, viveram, com homens, crianças e outras mulheres, diferentes e intrincadas relações, nas quais sofreram e exerceram poder. Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que, mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos. Construir uma história às avessas, exclusivamente apoiada na trajetória daquelas que

foram revolucionárias, talvez também resultasse em uma construção reduzida e idealizada. (Louro, 2020, p. 478-479).

A condução de reflexões sobre o analfabetismo, no passado e no presente, configura-se como indispensável, de acordo o posicionamento de Louro (2020), para entendermos a trajetórias das lutas e conquistas das mulheres. Atualmente, percebe-se que essas lutas travadas pelas mulheres, principalmente no âmbito educacional durante a história, colaboraram para mudanças nas relações com a sociedade em geral.

O currículo da EJA apresenta três princípios básicos: a interdisciplinaridade, a flexibilidade e a não linearidade, o que garante a possibilidade de cada instituição construir seu próprio currículo, levando em consideração a realidade dos estudantes, bem como suas histórias de vida, trabalho e particularidades. Durante a observação da prática dos professores foi possível notar que a existência e prática currículo é bastante flexível, visando as realidades dos sujeitos, “um currículo expresso em salas de aula de maneira inclusiva, não excludente e que respeita as particularidades de cada um” (Diário de Campo, 2023).

Um ponto a se destacar é a importância do reconhecimento que os professores dão aos alunos (as) quando realizam uma atividade com êxito, como confidenciado por uma das entrevistadas, que entende que “é bom o professor falar que a gente fez certo! Eu não vou desistir.” (Diário de Campo, 14 de setembro de 2023).

Esse olhar mais humanizado é imprescindível ao fazer parte da prática dos professores e professoras, uma vez que possibilita ir para além de um currículo prescrito e abordar um currículo cheio de identidades, particularidades, anseios, angústias, medos, aspirações, metas e objetivos. Nesse sentido, defendemos a necessidade de “uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las” (Silva, 2004, p. 14).

É de suma importância que esses sujeitos resgatem as suas perspectivas de vida e de mundo e que, após passar por essa experiência, sejam capazes de refletir sobre a importância da educação, bem como, tentar compreender o que a lei diz sobre educação ser direito de todos e dever do Estado, mesmo que pareça que lhe foi negado um direito, mas que a partir dessa experiência, esse sujeito possa intervir em outras realidades e servir de motivação para que outros lutem pelos seus direitos à Educação (Freire, 1987; 1996).

Atualmente, a EJA se constitui de maneira ampla, sendo a modalidade de ensino de muitos jovens, por ter a possibilidade de ingresso com uma maior ampliação ao acesso a escolarização. Assim, o currículo tem um sentido amplo, de ir além de um documento prescrito

e ser entendido como espaço de transformação, como explicitado do DCRM (Riacho de Santana, 2020):

Precisamos ainda considerar que o número de jovens e adolescentes nas salas de aula da EJA é um fenômeno contemporâneo que, para Macedo (2017), requer cuidado e atenção por se tratar de jovens, o que nos leva a refletir sobre a condição destes na atualidade. Para a autora, —[...] pensar a juventude é pensar a própria sociedade (MACEDO, 2017, p.20). Considerar os tempos de vida dos sujeitos da EPJAI é imperativo para alcançarmos o sucesso desejado (Riacho de Santana, 2020, p. 542).

Tudo isso, para garantir a essas pessoas o acesso à educação que têm por direito, não cabendo julga-los, mas considerar suas especificidades. Isso foi uma realidade encontrada na escola durante a observação e através das falas de alguns interlocutores: o crescente número de jovens na EJA, que na percepção de Magalhães (2023): é a realidade dos anos que virão; o aumento crescente do público jovem e diminuição ou até mesmo desaparecimento do público adulto e idoso, uma vez que, com as conquistas e o direito a educação para todos, até mesmo com as políticas públicas o jovem hoje tem mais oportunidades.

Barbosa (2023) salienta que na sua juventude foi proibida de estudar, pois naquela época existia o preconceito de que as meninas iriam para a escola para aprender a escrever cartas para os homens. Por este motivo, em sua família, seu irmão teve a oportunidade de estudar e ela não.

3222

Como salienta Costa (2017) e Narvaz, Sant'Anna e Tesseler, (2013) o preconceito de gênero está exposto nessa fala, que antes poderia ser visto como algo “normal”, mas que hoje observamos as ponderações que eram feitas para com meninos e meninas, bem como as oportunidades distintas destinadas a ambos.

Muito se fala que o objetivo principal da EJA é formar o estudante para o mercado de trabalho, mas em alguns casos a motivação vem de sonhos, e até mesmo da vontade de ajudar os filhos na escolarização em casa. Portanto, já assume uma verdadeira relação de sintonia com a vida do aluno, pois possibilita aprendizado no cotidiano da escola e faz com que o aluno se doe e busque alcançar melhores condições de vida e de trabalho, além de fazer com que se sinta parte integrante de uma sociedade que, a cada dia que passa, obedece a um grau de escolaridade e que diz tanto em erradicar o analfabetismo no Brasil além de elevar a educação de quem deixou de estudar um dia por algum motivo (Gadotti,2008).

Isto posto, "Meu pai não deixava sair, era só ir pra roça, pra sair tinha que ser com uma mulher casada. Quando casei, meu marido não deixava 'eu' sair [...] mas foi bom, não deixava faltar nada pra mim" (Barbosa, 2023). Assim, a mesma pontua que sempre teve o desejo de estudar, mas o que lhe faltou foram oportunidades, principalmente por ser mulher e pelo

preconceito enraizado na sociedade, que há muito tempo rotula o que é de/para homem e mulher.

Brandão (2023) ainda afirma que lhe faltou oportunidade quando jovem, pois ao invés de estudar, seu pai dizia que tinha que trabalhar. Frequenta a escola de maneira assídua, almeja formar e ter melhores condições de vida, ter um emprego, uma vez que para a mesma, a escolarização é importante para ter um futuro melhor. Seu marido é formado em nível médio e incentiva a mesma a não desistir dos estudos.

Fazendo um paralelo entre as falas das interlocutoras citadas acima e o que pontua Narvaz; Sant'Anna; Tesseler, (2013) antigamente faltava muita oportunidade, em especial na escolarização, hoje, o que mais se vê nesse sentido, são questões de igualdade no trabalho, no esporte e em outros setores, tudo isso por conta das lutas por igualdade, que marcaram a história e serviram de fulcro para alterações na legislação e no modo de ensinar, e até mesmo no pensar, de muitos.

Silva (2023) pontua que quando jovem não teve acesso à escolarização, por morar na zona rural, seus pais a levavam para a roça para trabalhar. Completa ainda com experiências vividas mais recentemente "eu viajei com minha filha para a Aparecida e vi que tem que saber ler pra saber as coisas" (Silva, 2023).

Assim, Louro (2017) afirma que a cada dia as lutas das mulheres vão ganhando mais visibilidade, principalmente no âmbito educacional. A escolarização é vista por muitas como o primeiro passo para a "liberdade", para conseguir atuar criticamente na sociedade, compreender as várias situações de vida e sobretudo conseguir se impor, ter empoderamento (hooks, 2013).

É notório que hoje na educação de modalidade EJA há uma heterogeneidade entre os sujeitos, ou seja, uma diversidade dentro de sala de aula entre homens, mulheres, jovens, adultos, negros, héteros e homossexuais, etc. O que percebemos é que nos dias atuais a modalidade de ensino EJA está sendo frequentada por um número cada vez maior de jovens, decorrente, muitas vezes, da desmotivação no ensino regular por um tempo, por se perderem no mundo do crime das drogas, etc. de modo a ver, nessa modalidade de ensino, novas perspectivas de vida. Vale ressaltar também que a visão do jovem, em estar nesse ambiente, muitas vezes é diferente da visão construída pelos mais velhos.

Lembrando que em sala de aula, as habilidades propostas pelos documentos que regem a Educação de Jovens e Adultos no âmbito nacional e municipal com o Documento Referencial Curricular Municipal (DRCM), bem como o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino a formação, devem ser trabalhados de forma crítica, de modo a prepara os sujeitos para

as diversas situações da sociedade em que eles possam desenvolver socialmente, além de apenas aprender a ler, escrever e fazer cálculo.

Alguns adultos veem os jovens dentro da sala de aula da EJA de maneira bem crítica, pois consideram que na atualidade se têm mais oportunidades do que em tempos atrás, principalmente fazendo um paralelo às motivações de que os mesmos não puderam estudar no ensino regular. Mas o jovem também tem a sua visão crítica com a presença do adulto ou idoso dentro de uma sala de aula, considerando aquilo desnecessário ou inútil para seguir em frente. Em ambos os casos é necessário destacar que dentro de uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos há diversas particularidades e especificidades entre os sujeitos, mas independente de ser jovem, adulto, ou idoso, todos devem ser respeitados e ser parte significativa no aprendizado (Anjos; Gomes; Souza, 2011).

Dentre as principais motivações do início ou continuidade da escolarização, mesmo depois de passar do chamado tempo certo para o ensino da educação básica, são as inúmeras necessidades de práticas cotidianas, a busca por melhores condições de trabalho, e até mesmo a percepção de que atualmente, para disputar vagas de emprego, a escolaridade é vista como ponto essencial.

Cardoso (2023) entende que as mulheres tem uma maior privação de oportunidades, ainda mais quando têm outras demandas, pois "o homem não têm tantas preocupações em 'tá' em casa com os filhos, já a mulher têm. Eu mesma, se não fosse a minha menina mais velha, não tinha como eu trabalhar e estudar" (Cardoso, 2023).

A motivação para ter que parar com os estudos foi para trabalhar, parou por necessidade, logo após casou e formou a família. Um dos maiores desafios na trajetória de Cardoso (2023) foi o "preconceito" por parte de alguns membros da família, pelo fato dela voltar a estudar depois de "velha". Seus pais reagiram com certo espanto quando ela avisou que voltaria a estudar e questionaram "e sua casa, seus filhos e seu marido?" (Cardoso, 2023).

São essas falas que podem desmotivar, mas em contrapartida, seu marido deu total apoio, a mesma vê a escola como uma segunda família, diante de todo o apoio dos colegas, professores e demais funcionários da escola. Uma fala marcante foi a de Cardoso (2023), ao relatar sobre o preconceito e pontuar que "o preconceito é gerado dentro da gente" (Cardoso, 2023). De acordo com a narradora, muitas vezes não precisa falar "olha, a 'velha' voltou a estudar" que ela mesma sente que as pessoas lhe olham com esse pensamento. Ela sofreu "preconceitos" dentro da família, pela filha não querer que ela estudasse na mesma turma, pelo irmão falar que "velha estudando"!

Atualmente essa modalidade de ensino apresenta uma ótica de novas perspectivas que oportunizam conciliar trabalho e estudo diante das dificuldades enfrentadas no país, principalmente em relação ao mercado de trabalho que, a cada ano, vem tornando-se mais exigente com relação à escolarização para assumir postos de trabalho (Paiva, 1983).

Moreira (2023) fala da ironia que a mulher sofre ao estudar a noite "será que vai estudar mesmo?". Assim, ela relata que abandonou os estudos quando engravidou aos dezessete anos, quando as obrigações de mãe, esposa e dona de casa prevaleceu. Em meio a sua trajetória de vida, passou por muitas dificuldades, ainda mais após a separação de um relacionamento abusivo, tentou a separação até conseguir, mesmo com uma medida protetiva contra o ex-marido, que ameaçava a ela e a sua filha.

Moreira (2023) narra que foi impedida de frequentar a escola e desabafa: "se eu passei vinte anos fora da escola não dependeu de mim. Querer eu até queria, mas meu marido não deixava. Quando dependeu só de mim, eu vim estudar e estou aqui" (Moreira, 2023). Hoje a mesma trabalha, recebe o apoio da família, e conquistou muita coisa, logo após a separação, passou por muita dificuldade financeira, mas hoje defende que "as mulheres têm que se unir para ajudar umas às outras" (Moreira, 2023).

Como salienta hooks (2013), as mulheres devem se unir para juntas lutar pelos seus direitos e tentar acabar com esse preconceito de gênero, as mulheres devem unir forças para buscar o empoderamento feminino. Destarte, para Arroyo (2005, p.42) "os jovens e adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas incertezas à flor da pele", portanto, é notório a diversidade de contextos existentes dentro desses locais que podem servir de expectativas e também gerar incertezas para os sujeitos. Cabe ao docente ter um olhar sensível, aberto ao diálogo, ouvir histórias de vida e buscar um ensino mais humanizado, na perspectiva dessa modalidade. É necessário que enxerguemos esses sujeitos com mais participação na sociedade.

Quando as alunas da EJA possuem uma meta, uma certeza, uma vontade, a persistência é gigantesca, não importa a distância de suas casas até a escola, muitas levam seus filhos, pois não tem com quem deixar e, a escola os acolhe de braços abertos, serve de exemplo a ser seguido. As crianças, enquanto suas mães estudam, ficam com uma professora, que também lhes ensina.

Daí, concluímos que este estudo evidenciou que antigamente, e em alguns casos até hoje, muitas mulheres são privadas de alguns direitos. Quando se fala em escolarização, o preconceito muitas vezes ficou "mascarado", muitas tinham a falta de escolarização na infância por questões presentes na sociedade da época, como a necessidade de trabalhar para poder se

alimentar, do irmão do sexo masculino poder estudar enquanto a mulher ajudava a mãe nas tarefas de casa.

Foram levantadas questões referentes ao contexto histórico de escolarização e alfabetização pontuadas por Strelhow (2010), evidenciando a inoportunidade para as mulheres, em decorrência das práticas sociais machistas e patriarcais.

Portanto, a pesquisa colaborou para compreendermos as aspirações dessas mulheres e o que elas compreendem por identidade e gênero, em questões de escolarização, quando diz respeito a oportunidade e a falta dela. A pesquisa caracteriza-se também por propiciar a reflexão dessas mulheres sobre as práticas e vivências do passado, fazendo um paralelo de suas percepções antes e hoje, sendo destacado por todas, a importância da escolarização e o quanto é vitorioso estar hoje em uma escola de Educação de Jovens e Adultos.

Conclusão

A realização deste estudo possibilitou compreender como as questões de identidade e gênero impactaram a vida de mulheres da Educação de Jovens e Adultos, por meio de narrativas de histórias de vida. Desse modo, em busca de responder à questão central da pesquisa e os objetivos propostos, fez-se o uso de uma abordagem qualitativa, utilizando a observação, o diário de campo, a análise documental e a entrevista narrativa como recursos de coletas de dados e informações.

Através desse enfoque, tornou-se possível compreender como aspectos sociais, como classe, gênero, etnia ou idade, podem influenciar a história de vida de um indivíduo, que, com a narrativa vem ganhando construção e significado. Segundo essa perspectiva, as histórias de vida foram relatos que permitiram aos indivíduos dar sentido às suas experiências, organizando suas memórias e identidades, e foram imprescindíveis para conhecer a realidade de muitas mulheres, mães, avós, trabalhadoras, donas de casa e também estudantes.

Na perspectiva da EJA foi possível perceber que as mulheres, em sua maioria, enfrentaram dificuldades para estudar, embora isso, foi somente com a persistência, que se tem alcançando os objetivos presentes na luta pela aceitação da participação social feminina, e também na luta por uma educação de qualidade, que é um direito de todos. Isso é visto na pesquisa quando, mesmo tendo seus companheiros em casa, muitas trazem os filhos para a escola. Algumas trazem dois ou até mesmo três filhos.

No lócus da pesquisa, ter esse olhar transformador e humanizado para esses sujeitos é imprescindível, pois, dentro da perspectiva da EJA, as realidades são múltiplas, as histórias de vidas são únicas e tudo isso deve ser tratado de forma específica. Ouvir todas as percepções criadas durante o processo sobre as questões de identidade e gênero ocorridas no contexto de cada um e, como essa modalidade de ensino pode ser peça chave para a transformação e ampliação de conhecimento, é algo enriquecedor.

Este estudo evidenciou que antigamente, e em alguns casos até hoje, muitas mulheres foram e/ou são privadas de alguns direitos. Quando se fala em escolarização, o preconceito muitas vezes ficou encubado, por acharem uma coisa natural serem proibidas de ir à escola, à igreja, sair, trabalhar, etc., por de alguma maneira já terem presenciado ou vivido isso com frequência.

Portanto, após analisar os dados obtidos por meio das narrativas de histórias de vida das mulheres, da análise dos documentos legais que regem a EJA e dos dados coletados na observação, podemos concluir que o público feminino da EJA, na escola pesquisada, em sua grande maioria sofreu e sofre com o preconceito de gênero, ou seja, por serem mulheres.

Se em alguns casos recebem apoio de alguém da família, em paralelo a esse “apoio” temos as piadinhas, que hoje elas entendem como um preconceito. Cada mulher que compõe o público feminino na modalidade de ensino possui uma bagagem social, cultural e pessoal que deve ser levada em consideração em todo o processo. Vimos que os problemas se mascararam de formas bastante sutis, tornando-se mais difíceis de serem problematizados e devido a isso as mulheres defrontam-se com batalhas que nem elas mesmas sabem que precisam ser lutadas, tendo como maior adversária a naturalização de sua situação, pois ela conduz a um estado de acômodo frente à negação de muitos de seus direitos, e isso impede a mudança de acontecer.

Referências

ANJOS, Leila Almicê dos; GOMES, Geisa Pereira; SOUZA, Janyne Barbosa de. **A prática pedagógica da EJA**: refletindo sobre as singularidades e o perfil dos educandos. 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação de Jovens e Adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria A.; GOMES, Nilma L. Belo Horizonte/MG, Autêntica, 2005, p. 19- 50.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: Itinerários pelo direito a vida justa- Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

COSTA, Carolina da Purificação. **Gênero e educação de jovens e adultos (EJA)**: reflexões a partir das orientações curriculares da sec-ba. In: 13º CONGRESSO MUNDO DE

MULHERES & SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11:

Transformações, conexões, deslocamentos. 13., 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-12. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/wwc2017/>. Acesso em: 1 dez. 2019.

DE SOUZA, Nina de Paula Martins Monteiro. **Mulheres da EJA**: entre sonhos e desafios da continuidade na escolarização de alunas da rede municipal de Seropédica - RJ / Nina de Paula Martins Monteiro de Souza. – 2015. 129 f.: il. DEL PRIORE, Mary. (Org.). História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 2004.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da educação de jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001, p. 58-77, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários a Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **MOVA, por um Brasil Alfabetizado**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista Narrativa**. In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. História das mulheres no Brasil/ Mary Del Priori (org.); Carla Badsanzi Pinsky (coord. De textos). - 10 ed., 7º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NARVAZ, Martha Giudice; SANT'ANNA, Sita Maria Lopes; TESSELER, Fani Averbuh. **Gênero e Educação de Jovens e Adultos**: a histórica exclusão das mulheres do saber-poder. Revista Unila Salle: Diálogo. n. 42, Canoas, 2013. p. 93-104. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/917/905>. Acesso em: 12 out.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 2. ed. São Paulo : Loyola, 1983.

RIACHO DE SANTANA, Prefeitura Municipal de Riacho de Santana- Bahia Secretaria Municipal De Educação – SME. **Plano Municipal de Educação**, 2015.

RIACHO DE SANTANA. Secretaria de Educação. **Documento Referencial Curricular Municipal. Ensino Fundamental**: Componentes curricular: Português, Matemática, História, Geografia, Arte, Ensino Religioso, Educação Física. Estado da Bahia, Prefeitura Municipal

de Riacho Santana, Secretaria Municipal Educação. Volume II: Ensino fundamental e EPJAI, 2020.

RIACHO DE SANTANA. Secretária de Educação. Escola Municipalizada Arnaldo Cardoso. **Projeto Político Pedagógico- PPP**. Riacho de Santana, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 38, p. 49–59, 2012. Acesso em: 30 de agos. De 2023.

Autor 1:



Iris Eloisa de Oliveira Silva
Graduada em Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB.
Email: oliveirairiseloisa@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4024525307795841>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6044-181X>

Autor 2:



Isaura Francisco de Oliveira
Mestre em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA/UNEB).
Doutoranda em Educação (UESB/PPGD). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
Email: Isaurauneb@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2419711675192263>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5691-5697>